



Universidade da Amazônia

Tipos da Atualidade

de França Júnior

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Tipos da Atualidade

de França Júnior

(O Barão da Cutia)

Comédia em três atos

Personagens

Barão da Cutia — 50 anos

Gasparino de Mendonça — 25 anos

Doutor Carlos de Brito — 26 anos

Dona Ana de Lemos, mãe de — 40 anos

Mariquinhas — 17 anos

Porfíria de Mendonça — 70 anos

A ação passa-se no Rio de Janeiro.

Atualidade.

ATO PRIMEIRO

A cena representa urna sala mobilada com gosto: no fundo portas que dão para um jardim; à esquerda uma janela, portas laterais, etc.

CENA I

Mariquinhas e Dona Ana de Lemos

Mariquinhas (*Encostada à janela*) — Que bela tarde, mamãe. E bem provável que o Senhor Carlos venha hoje fazer-nos uma visita. Há tanto tempo que ele não aparece; talvez que esteja doente.

D. Ana — Tomas tanto interesse pelo Senhor Carlos, Mariquinhas.

Mariquinhas (*Saindo da janela e sentando-se defronte de D. Ana*) — Engana-se, mamãe: estimo-o apenas como se pode estimar um moço de belas qualidades e de fina educação. O Senhor Carlos foi-nos apresentado em uma das partidas do Clube, e estou bem certa que vosmecê não lhe ofereceria a sua casa, se não visse nele um moço delicado e da alta sociedade.

D. Ana — Não duvido, minha filha; porém seria melhor que te ocupasses mais com os teus bordados, com as tuas músicas e os teus desenhos, do que com o Senhor Carlos.

Mariquinhas — Pois bem, mamãe, não falarei mais nele.

D. Ana — Escuta, Mariquinhas; não te zangues, tu ainda estás muito criança e pouca experiência tens do mundo; estás numa idade em que te deixas levar mais pela paixão do que pela razão. O Senhor Carlos tem transformado essa cabecinha: viste-o pela primeira vez no Clube, e desde então tenho reparado que é ele o objeto constante de tuas conversações. Tu já o amas, Mariquinhas; não me negues. E sendo assim, pergunto-te eu agora: o que pretendes com esse namoro? Casar com o Senhor Carlos? Esperas fazer a sua felicidade, unindo-te a um doutorzinho em medicina, que agora começa a sua carreira, e cuja fortuna consiste em um diploma?

Mariquinhas — Mas, minha mãe, o Senhor Carlos é um moço inteligente e estudioso, e com o seu diploma poderá em breve sustentar a dignidade de sua posição.

D. Ana — Dignidade de posição! Que posição tem um doutor em medicina? Bem digo eu que a senhora está com essa cabecinha virada. Diga-me, Senhora Dona Mariquinhas, quando eu me casei com seu pai, que Deus tenha em sua Santa Glória, não era ele um homem respeitável pela sua posição? E era porventura seu pai formado em medicina? Seu pai foi negociante na rua do Rosário, e negociante muito honrado. Se veio para o Brasil sem posição, soube elevar-se com o suor de seu trabalho, tanto que freqüentou depois as melhores sociedades, e foi estimado de todos.

Mariquinhas — Mas, minha mãe, acredite vosmecê que, se meu pai era estimado de todos, como acaba de dizer, não era unicamente pelos seus belos olhos, mas sim por causa do dinheiro que tinha.

D. Ana — Justamente! Chegou a senhora onde eu queria chegar. Seu pai tinha dinheiro, e foi o dinheiro que lhe deu posição. Enquanto ele era caixeiro, ninguém lhe deu importância; mas depois a senhora bem sabe que o dinheiro granjeou-lhe uma comenda, que o dinheiro abriu-lhe as portas das melhores sociedades, e que finalmente o dinheiro deu-lhe consideração e importância. Eu não quero portanto namoro em minha casa: quando for ocasião arranjar-lhe-ei um negociante honrado, ou algum homem sisudo para fazer a sua felicidade. Deixe-se de doutorzinhos.

Mariquinhas — Pois bem, mamãe, não se amofine; sujeitar-me-ei às suas vontades. *(À parte)* Pobre Carlos!

D. Ana — Seria melhor que, em lugar de pensar em namoros, fosse tocar alguma coisa ao piano para divertir sua mãe.

Mariquinhas *(Depois de alguma pausa)* — Vosmecê pretende ir hoje ao teatro? representa-se a *Traviata* e canta a de La Grange.

D. Ana — Hoje não posso: estou constipada, e o sereno há de fazer-me mal.

Mariquinhas *(À parte)* — Mais esta esperança perdida! *(Alto)* mas nós vamos de carro, e vosmecê podia ir bem agasalhada... *(Ouve-se o rodar de um carro: à parte)* — É ele! Sinto o coração bater, e o coração não me engana. É Carlos! *(Vai a uma das portas do fundo e encontra-se com Gasparino, que faz-lhe uma grande cortesia)*

CENA II

As mesmas e **Gasparino**

Gasparino — É um humilde criado de Vossa Excelência.

Mariquinhas *(À parte)* — Que maçante!

Gasparino *(Dirigindo-se a D. Ana faz-lhe outra cortesia)* — Tenho a honra de fazer os meus sinceros cumprimentos à Senhora Dona Ana de Lemos.

D. Ana — Ora viva, Senhor Gasparino. Pensei que já se tivesse esquecido de nós, e que não quisesse mais honrar esta sua casa.

Gasparino *(Sentando-se)* — Depois que Vossa Excelência mudou-se para o Engenho Velho, raras são as tardes e noites de que tenho podido dispor. Sócio dos Clubes Fluminense e de Botafogo, do Cassino, assinante de uma cadeira do Ginásio, de outra no Lírico, freqüentador de todas essas sociedades onde se reúne o *grand monde* faz-se necessária a minha presença nesses lugares. Às tardes costumo dar o meu passeio pelo Catete, Botafogo e São Clemente. Ultimamente mandei vir uma égua de Meklemburg, oh! Que linda égua, minha senhora! Comprei um elegante faetonte... *(Mudando de tom)* Com licença, *(Indo à janela)* James! Vira o carrinho, e afasta o cavalo do trilho da Maxambomba.

Mariquinhas *(À parte)* — Oh! Que bobo, meu Deus! *(Encosta-se pensativa à janela)*

Gasparino (*Voltando-se para D. Ana*) — É necessário ter muito cuidado com aquele animal: é muito fioso e espanta-se de qualquer coisa.

D. Ana — Se quiser pode mandar entrar o carrinho para a chácara.

Gasparino — Não é preciso, minha senhora... Mas, como ia dizendo, comprei este lindo faetonte e todas as tardes faço o meu *tour de promenade* pelas ruas mais freqüentadas da capital. Hoje quis respirar os ares do Engenho Velho, e ao mesmo tempo apreciar no campo *microscópio* do meu *pince-nez* as belas ninfas deste arrabalde.

D. Ana — Não tenciona ir depois de amanhã à partida do Clube, Senhor Gasparino?

Gasparino — Se não estiver comprometido para outros lugares...

D. Ana — A sua ausência há de ser sentida, principalmente por aquela linda menina de vestido branco que tanto ocupou sua atenção no baile passado!

Gasparino — Quer Vossa Excelência falar-me da pérola de São Clemente? Oh! *c'est ravissanté!* Tive, é verdade, um pequeno namoro de dias, mas afinal deixei-a.

D. Ana (*Rindo-se*) — Por quê, Senhor Gasparino?

Gasparino — Soube que o pai era um negociante falido, e bem vê que uma mulher sem dinheiro...

D. Ana — Entendo; o Senhor Gasparino anda à caça de um casamento rico.

Gasparino — Um casamento rico, minha senhora, é na minha opinião um emprego mais vantajoso do que outros tantos que por aí há. Devemos acompanhar as idéias do século; longe vão esses tempos em que o cavaleiro de espada em punho combatia pela sua dama. Já não há Romeu nem Julieta, e se ainda existe o amor platônico, como o concebeu o filósofo da antiguidade, é tão somente na cabeça desses loucos que se intitulam poetas. Hoje as teorias são mais positivas.

D. Ana (*Suspirando*) — Desgraçadamente nem todos pensam assim, Senhor Gasparino. (*Para Mariquinhas*) Menina, vai tocar alguma coisa para o Senhor Gasparino ouvir.

Mariquinhas — O piano está muito desafinado, mamãe. (*À parte*) Este homem não nos deixará!

D. Ana — O Senhor Gasparino há de desculpar. (*Mariquinhas dirige-se ao piano para abri-lo*)

Gasparino (*Para Mariquinhas*) — *Sans façón*, minha senhora, Vossa Excelência apreciava da janela o grato perfume das flores do seu jardim, e a queda do astro brilhante que lá se atufa num oceano de luz na horizonte. (*Pondo a luneta*) Oh! *c'est magnifique!* É um quadro digno do pincel o mais inspirado.

Mariquinhas — O Senhor Gasparino sabe desenhar?

Gasparino — Alguma coisa, minha senhora, o meu pincel não é lá dos melhores. (*Ouve-se o toque da corneta da Maxambomba, e em seguida um rumor surdo de carro*)

Mariquinhas (*À parte*) — Oh! Sem dúvida é Carlos. (*Alto. Dirige-se à janela*) Oh! Mamãe, lá caiu um homem da Maxambomba; está todo sujo de poeira, coitado; levantou-se e dirige-se para aqui.

D. Ana (*Indo ao fundo*) — Machucar-se-ia? Coitado!

Gasparino (*Pondo a luneta*) — É uma figura antediluviana!

CENA III

Os Mesmos e o **Barão da Cutia**

Barão (*Entra todo sujo de poeira, sacudindo a roupa*) — É aqui que mora a Senhora Dona Ana de Lemos?

D. Ana (*Fazendo uma cortesia*) — É esta sua criada: queira ter a bondade de sentar-se.

Mariquinhas (*À parte*) — O que quererá este homem!

Gasparino (*À parte*) — É uma figura antediluviana, não retiro a expressão. (*Dirige-se ao espelho, torce o bigode e arranja os colarinhos e a gravata*)

Barão (*Sentando-se, fica por algum tempo atrapalhado com o chapéu e a bengala, e um maço de cartas que tira do bolso*) — Trago esta carta de São Paulo para Vossa Senhoria.

Gasparino (*À parte*) — Vossa Senhoria? Isto é coisa muito ordinária, não tem dúvida.

D. Ana (*Recebendo a carta*) — Com licença, (*Abre-a lendo*) "Ilustríssima e Excelentíssima Senhora Dona Ana de Lemos. São Paulo, etc. A maneira obsequiosa e delicada com que Vossa Excelência se dignou tratar-me durante o tempo que estive em sua amável companhia, animou-me a utilizar-me ainda de seu valioso préstimo, apresentando a Vossa Excelência, por meio desta, o meu sincero amigo e companheiro de infância, o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais ricos fazendeiros desta Província... (*Procurando a assinatura*) Seu Venerador e Criado. — Prudêncio Augusto de Villas-Boas". — (*Para o Barão*) Oh! Senhor Barão, dê-me o seu chapéu e a sua bengala. (*Para Mariquinhas*) Menina, venha cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia. (*Mariquinhas faz uma grande cortesia ao Barão*).

D. Ana — O Senhor Gasparino de Mendonça, 1º Oficial da Secretaria da Justiça, moço delicado e distinto que dá-nos a honra de freqüentar esta nossa casa. (*Mudando de tom*) Vossa Excelência deve estar bastante machucado com a queda que acaba de dar, e um cálice de licor talvez lhe faça bem. Menina, manda trazer licor para o Senhor Barão. (*Mariquinhas sai pela direita*)

Barão — Não se incomode, minha senhora: sofri apenas um pequeno abalo. Aqueles carros têm esse inconveniente; cada vez me convenço mais de que não há nada como uma boa besta.

Gasparino — Pois quando Vossa Excelência quiser utilizar-se da minha égua de Meklemburgo, está muito a seu dispor.

Barão — Eu prefiro uma boa besta. Em São Paulo tenho uma burra branca que é uma rede; foi um presente que deu-me no dia de meus anos o Juiz de Paz da Cutia: custou-lhe na feira de Sorocaba 500\$000 réis. Oh! Que lindo animal! é meter-se-lhe as esporas, e a mulinha sai pela estrada que é um regalo.

D. Ana — Vossa Excelência é a primeira vez que vem ao Rio?

Barão — É verdade, minha senhora.

Gasparino — E como tem achado Vossa Excelência o Rio de Janeiro?

Barão — Para falar com franqueza prefiro viver em São Paulo. Aqui vive um homem constrangido, e constantemente a suar: olhe, ontem mudei três camisas, e assim mesmo ainda suava como um alambique de engenho! lá no meu sítio da Cutia, aquilo sim, é que era viver; não andava metido numa casaca de pano preto, como estou agora: com o meu chapéu de palha, o meu paletó branco, e as minhas calças de enfiar, percorria aquilo tudo, como se estivesse em minha casa. Não há nada que pague a minha comodidade. Não tinha distrações, é verdade; mas quando queria divertir-me, montava na minha burra branca, e ia a São Paulo. (*Entra uma negra com um licoreiro e oferece ao Barão*)

D. Ana (*Enche um cálice e oferece ao Barão*) — Beba deste licor, Senhor Barão, que lhe há de fazer bem: é legítimo Curaçáo.

Barão (*Acabando de beber, dá um grande estalo com a boca*) — Não é mau, minha senhora, Vossa Senhoria já bebeu garapa de Santo Amaro?

Gasparino (*À parte*) — Garapa! *Qu'est ce que c'est que ça!*

D. Ana — Ainda não, Senhor Barão.

Barão — Pois é pena, minha senhora, é uma bebida muito saborosa, principalmente quando está um pouco picada. Eu prefiro-a ao licor.

D. Ana — Desculpando a minha indiscrição, Senhor Barão, Vossa Excelência é casado?

Barão (*Suspirando*) — Sou viúvo, minha senhora: há quatro anos que morreu a minha cara Inês.

Gasparino (*À parte*) — Que formoso D. Pedro!

Barão — Deus a tenha em sua Santa Glória.

D. Ana (*À parte*) — Um Barão... Viúvo e um dos mais ricos fazendeiros da Província... (*Alto*) A fazenda de Vossa Excelência é mesmo na Cutia?

Barão — Tenho duas, minha senhora, uma em Itu, e outra em Porto-Feliz, e além do sítio da Cutia, tenho outra no Senhor Bom-Jesus de Pirapora, onde vou todos os anos passar a festa. O lugar da minha residência é na Cutia, onde sou o eleitor mais votado, e prefiro-o por ser mais perto de São Paulo.

Gasparino — Mesmo porque Vossa Excelência deve estar relacionado com as pessoas mais gradas da Capital.

D. Ana (*À parte*) — Duas fazendas! (*Alto*) Mariquinhas? Mariquinhas?

CENA IV

Os mesmos e **Mariquinhas**

Mariquinhas — Quer alguma coisa, mamãe?

D. Ana (*Indicando uma cadeira*) — Sente-se aqui, e converse com o Senhor Barão.

Mariquinhas (*Sentando-se; à parte*) — Que maçada!

Barão (*Fica algum tempo atrapalhado sem saber o que há de dizer*) — Que idade tem, Sinhá? (*Mariquinhas abaixa os olhos*)

D. Ana — Responda, menina; não se faça de tola; não vê que o Senhor Barão pergunta que idade tem.

Mariquinhas — Dezessete anos.

Barão — É justamente a idade da minha... (*À parte*) Oh! Que diabo de asneira ia eu dizer. (*Alto*) Sim... Quero dizer.

Mariquinhas (*À parte*) — Que malcriado!

Gasparino (*À parte*) — *C'est trop fort!*

D. Ana — Não é por ser minha filha, Senhor Barão; esta menina é muito inteligente e muito prendada: saiu há dois anos do Colégio, e tem tido uma educação completa; toca muito bem piano, canta, desenha, fala o francês e o inglês... (*Mudando de tom*) Olhe, quer ver, Senhor Barão? (*Para Mariquinhas*) Menina, conversa um pouco em francês com o Senhor Gasparino para o Senhor Barão ouvir. (*Para Gasparino*) Faz favor, Senhor Gasparino.

Gasparino — Pois não, minha senhora. (*Refletindo*) *Est ce que vouz allez ao Théâtre aujourd'hui, mademoiselle?*

D. Ana — Não responde, menina? (*Para o Barão*) Tenho-me esmerado com a sua educação, Senhor Barão, e no entretanto é isto que vê!

Barão — Ela tem cara de ser espertinha; mas eu aprecio mais uma boa dona de casa: a minha Inês! Aquilo sim, é que era uma verdadeira mulher: ela mesma assistia a deitar-se o milho de molho, a recolher o gado, trazia a casa sempre com muita ordem... Enfim, era uma verdadeira mulher!

Gasparino (*À parte*) — O tal Barão ainda está um pouco peludo: eu me encarregarei de civilizá-lo.

D. Ana — Mas isso não a impede de vir a ser uma boa dona de casa, Senhor Barão.

Barão — Não duvido, minha senhora; mas a educação moderna é muito mais perigosa.

D. Ana — Mudando de assunto, Senhor Barão, onde Vossa Excelência está morando?

Barão — Na rua Direita, casa comercial de *Azevedo & Cia.*

D. Ana — Excusado é dizer a Vossa Excelência que esta casa está sempre ao seu dispor e que tudo quanto estiver no limitado círculo de minhas forças.

Gasparino (*Interrompendo*) — Quanto a mim, Senhor Barão, sou apenas um simples Oficial de Secretaria, mas as minhas relações nesta Capital, uma tal ou qual influência que exerço entre as famílias as mais importantes, a longa experiência que tenho adquirido nos salões da Corte, são considerações bastantes para a apresentação de Vossa Excelência no *grand monde*.

Barão — O *grão monde*? É alguma sociedade de baile? Em São Paulo também há uma chamada — Concórdia.

Gasparino (*Rindo-se*) — Vossa Excelência entendeu mal.

Barão — Pois, minha senhora, Vossa Senhoria há de consentir que eu me retire. Ainda tenho que fazer algumas visitas.

D. Ana — Já, Senhor Barão? Não seria melhor darmos um passeio pela chácara, enquanto eu mando aprontar o carro para conduzir Vossa Excelência à cidade?

Gasparino — Não se incomode, minha senhora, o Senhor Barão há de dar-me a honra de ocupar por momentos a almofada esquerda do meu faetonte. É um lindo carrinho, *tout á fait chie*, puxado por uma das mais lindas éguas que têm vindo ao Brasil.

Barão (*Levantando-se*) — Estou por tudo que quiserem.

D. Ana — Se não é incômodo para Vossa Excelência, podemos dar o nosso passeio pela chácara. (*Designando uma das portas do fundo*) Quero ter o prazer de oferecer-lhe um ramallete das mais belas flores do meu jardim. (*Saem todos pela porta do fundo, depois de ter Gasparino instado com o Barão para que saia primeiro*)

CENA V

Mariquinhas, só

Mariquinhas — Graças a Deus que estou só. Minha mãe há de estar sem dúvida enfadada, por não ter ido acompanhar à chácara o tal Senhor Barão da Cutia, que, seja dito entre parêntesis, é bem malcriado! Esta nossa casa está se tornando presentemente um museu de raridades: até agora tínhamos o Senhor Gasparino com os seus bigodes retorcidos, com o seu catálogo de conquistas e ultimamente com a sua égua de Meklemburgo; dora em diante teremos o Senhor Barão da Cutia; e que nome tão implicante — Barão da Cutia —. (*Indo à janela*) E Carlos há uma semana que não aparece, ele que tão repetidas vezes freqüentava a nossa casa; está sem dúvida ao lado de outra fazendo os mesmos juramentos e protestos de amor, que tantas vezes me dirigiu. E acredite uma moça em juramentos de amor! Também eu juro que a primeira vez que ele por aqui aparecer, hei de recebê-lo com o maior indiferentismo. Já estou quase achando razão em minha mãe. (*Senta-se pensativa*)

CENA VI

Mariquinhas e Carlos

Carlos (*Entrando pelo fundo, à parte*) — Só! Seja-me ao menos permitido depois de tantos dias de ausência, gozar de alguns momentos da ventura. (*Alto, dirige-se para*

Mariquinhas, e pára atrás da cadeira) Em que pensa? (*Mariquinhas assusta-se e levanta-se*) Perdão se vim cortar o doce fio dos seus pensamentos.

Mariquinhas (*Cumprimentando-o*) — Senhor Doutor Carlos.

Carlos — O título de Doutor, minha senhora, procurei-o unicamente para satisfazer as vaidades e caprichos deste século em que vivemos: é a primeira vez, depois de dois meses, dois meses que resumem toda a minha existência, que o recebo de seus lábios: não sei por que me trata assim!

Mariquinhas — Não faço mais do que dar-lhe o tratamento que tem. (*Senta-se, tira uma flor dos cabelos, e começa a desfolha-la*)

Carlos (*Á parte*) — São arrufos. (*Alto*) A senhora sua mãe não está em casa?

Mariquinhas — Está passeando pela chácara com o Senhor Gasparino, e um Barão que chegou de São Paulo.

Carlos — Sem dúvida é o tal Barão a causa da indiferença com que me recebe depois de tantos dias de ausência, não?

Mariquinhas — Dias talvez bem agradáveis para o senhor!

Carlos — Há de permitir que lhe diga que não a compreendo.

Mariquinhas — Nem eu.

Carlos — Minha senhora, em tudo isto há um mistério, filho talvez de alguma intriga baixa e mesquinha. Em nome desse amor tão puro e santo que lhe consagro, peço-lhe que mo explique. (*Mariquinhas continua a desfolhar a flor*) Oh! Não responde. (*Mudando de tom*) Eu me retiro, minha senhora. Não quero importuná-la mais. Vossa Excelência esqueceu o passado, e é justo que sufoque no peito as esperanças que acalentei. Duas únicas ambições tenho eu tido em minha vida: a primeira, o meu sonho dourado desde os mais tenros anos, consegui realizá-lo à custa de sacrifícios e de lágrimas de sangue: é esse o título que hoje me enobrece; a segunda... Oh! Foi um sonho! (*Mudando de tom*) Adeus, minha senhora.

Mariquinhas (*Levantando-se*) — Escuta, Carlos: acusas-me de ingrata, quando devia ser eu a primeira a fazê-lo. Já não és o mesmo de outrora! Já não freqüentas a nossa casa como dantes, e hoje tenho notado que já não procuras aquela que parecia ser o único objeto de teus pensamentos! É justo: talvez outras ilusões...

Carlos — Oh! Não continues, Mariquinhas: não podes avaliar o quanto me custa viver longe de ti. Amo-te muito, amo-te como se pode amar pela primeira vez na vida, e é esse mesmo amor tão santo que me aparta de ti. Sei das intenções de tua mãe, e é preciso que eu mate esta paixão, já que não posso fazer a tua felicidade! Além disso, se eu freqüentar a tua casa constantemente, o que dirá o mundo?

Mariquinhas — Que nos amamos, Carlos; e o mundo respeitará nossas crenças, porque elas são as crenças de um primeiro amor.

Carlos — Mas infelizmente o mundo não as compreende. Ele calca aos pés os sentimentos mais puros, e não duvida mesmo ferir-nos no que temos de mais caro; Sabes o que por aí se diz? Que um homem, a quem a sociedade respeita, porque infelizmente ela só olha para as aparências, vai em breve alcançar a tua mão!

Mariquinhas — Quem, Carlos? Oh! Dize-me, eu te peço, quem é esse homem?

Carlos — O Senhor Gasparino de Mendonça.

Mariquinhas — E tu acreditaste?!

Carlos — Conheço-te bastante para te supor capaz de amar um tal homem! Educada nos salões, sei que não te deixas levar por seu falso e pomposo brilho: poderias amar uma fronte pálida, que trai um coração ébrio de vida e de esperança, mas nunca uma caricatura da imagem de Deus, um personagem ridículo de comédia, que consulta ao espelho a melhor maneira de entrar em um salão.

Mariquinhas — Eu odeio esse homem, Carlos, e juro-te que, se alguma esperança ele nutre por mim, há de por força odiar-me.

Carlos — Creio-te, Mariquinhas, agora vê se te amo. (*Ouve-se passos de quem sobe a escada*)

Mariquinhas — Sinto passos: é minha mãe. (*Sentam-se e fingem conversar*)

CENA VII

Os mesmos, **Barão, D. Ana e Gasparino**

Gasparino (*Pondo uma cravina no peito*) — É uma bela chácara.

Barão (*Com um ramo de flores*) — E está muito bem plantada. Que excelente capim tem Vossa Senhoria nos fundos!

Carlos (*Para D. Ana*) — Minha senhora. (*Faz um cumprimento*)

D. Ana — Como tem passado, Senhor Doutor Carlos?

Gasparino (*À parte*) — Mau, já não estou aqui muito bem; a presença deste homem faz-me mal aos nervos; sabe-me da crônica, e é o diabo.

D. Ana (*Para o Barão*) — Apresento a Vossa Excelência o Senhor Doutor Carlos de Brito, um dos moços que faz o favor de freqüentar a nossa casa. (*Para Carlos*) É o Excelentíssimo Senhor Barão da Cutia, um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

Carlos (*Cumprimentando-o*) — Tenho muita honra e prazer em conhecer a Vossa Excelência.

Gasparino (*Que durante esse tempo passeia aflito, vê as horas*) — Senhor Barão, quando Vossa Excelência quiser retirar-se, estou às suas ordens.

Barão — Vamos, meu amigo, porque já estou alagado em suor, e quero mudar a camisa. Que calor!

Gasparino — *C'est vrai, bien chaud.*

Barão — Homem, diga-me uma coisa, naquele seu carrinho não há perigo de cair-se? É tão pequenino! As rodas parecem de piaçaba! Eu já estou escarmentado com o tal *Puxa-bomba, Saca-bomba, Mete-bomba, Vira-bomba*, ou o diabo que o carregue.

Gasparino — Vossa Excelência engana-se, aquilo é um carrinho que reúne a elegância à consistência. E o que se chama um verdadeiro faetonte.

Barão (*Para D. Ana*) — Minha senhora vou penhorado pelas maneiras afáveis com que Vossa Senhoria tratou-me; se precisar de qualquer coisa, lá estou na rua Direita nº 54.

D. Ana (*Fazendo uma cortesia*) — Só o que desejo, Senhor Barão, é que Vossa Excelência continue a vir a esta sua casa, para que eu possa ter o prazer de passar momentos tão agradáveis em sua amável companhia.

Gasparino (*Indo ao fundo*) — James, volta o carrinho. (*Voltando e dirigindo-se ao Barão*) Vamos pela rua Nova do Imperador, o passeio é mais poético. (*À parte*) Quero ter a honra de pentear um Barão. (*Alto, para D. Ana*) Minha senhora. (*Cumprimenta. Para Mariquinhas*) Minha senhora. (*Faz um cumprimento a Carlos e sai com o Barão*)

CENA VIII

Os mesmos, *menos Gasparino e Barão*

D. Ana — Tem estado incomodado, Senhor Doutor Carlos? Há tanto tempo que não aparece.

Carlos — Já me desculpei com Dona Mariquinhas, minha senhora: os doentes roubam-me a maior parte do tempo, e impedem-me muitas vezes de cumprir certos deveres.

D. Ana — É o inconveniente de procurar-se uma profissão tão trabalhosa, e sobre a qual pesa tão grande responsabilidade.

Carlos — Fui levado pela vocação, minha senhora, mas infelizmente o mundo não compreende as vocações. Vale mais aos olhos da sociedade atual aquele que amontoa riquezas, embora tenha o coração corrompido e o espírito coberto de misérias, do que aquele que, pelo suor de seu trabalho e à custa de tantos sacrifícios, conquista um título que o eleva. A glória é um sonho de loucos: o mundo só olha para os fins e não atende aos meios. Voltemos aos primitivos tempos do paganismo; levante-se um altar ao deus Mercúrio e seja tudo o que o homem pode ter de mais caro e de mais sublime sacrificado nesse altar.

Mariquinhas (*À parte*) — E Carlos que me compromete, meu Deus!

D. Ana (*À parte*) — A tal fingida já lhe disse tudo. (*Alto*) Não é tanto assim, Senhor Doutor Carlos: a sociedade não está tão corrompida como julga e custa-me a crer que ainda tão jovem, já esteja tão descrente.

Carlos — Não é descrença, minha senhora; desgraçadamente é a convicção da verdade.

D. Ana — Talvez o Senhor Doutor Carlos fale despeitado.

Carlos — Talvez, minha senhora, o futuro mo dirá.

D. Ana — Apesar da sua descrença, crê ainda no futuro, doutor?

Carlos (*Vendo as horas*) — Sinto bastante não poder continuar a discussão, minha senhora: é quase noite, e tenho ainda que ver dois doentes.

D. Ana — Pois não passa a noite conosco?

Carlos — Se não fossem os doentes, com muito prazer. (*Apertando a mão de D. Ana*) Até breve, minha senhora. (*Apertando a mão de Mariquinhas*) Adeus, Dona Mariquinhas.

D. Ana — Não seja tão esquivo e continue a aparecer como dantes. (*Carlos sai*)

CENA IX

Mariquinhas e D. Ana

D. Ana — Agora nós, Senhora Dona Mariquinhas. Diga-me por que razão esteve a senhora sozinha com esse moço, durante todo o tempo em que estive na chácara? não podia levá-lo para onde eu estava? É bonito que uma menina de sua idade converse só, horas esquecidas, com um rapaz solteiro?

Mariquinhas — Ele tinha chegado há pouco, mamãe, e eu ia levá-lo à chácara, quando vosmecê entrou.

D. Ana — Não minta, que eu bem vi quando ele chegou; assim como também já sei que a senhora foi meter-lhe no bico tudo quanto lhe disse há pouco relativamente ao seu futuro. Ele veio atirar-me indiretas e pedrinhas, mas engana-se, que eu bem sei o que hei de fazer. Sou capaz de apostar que a senhora não se agradou daquele homem respeitável e sisudo que aqui esteve? Não é nenhum bonequinho de cheiro, nem qualquer doutorzinho!

Mariquinhas — Quem, mamãe? O Barão da Cutia?

D. Ana — Sim, o Barão da Cutia, que é viúvo, e um dos mais importantes fazendeiros da Província de São Paulo.

Mariquinhas (*Rindo-se*) — Ora, mamãe...

D. Ana — O que quer dizer esse — ora mamãe?

Mariquinhas — Quer dizer que o Barão da Cutia poderá servir para tudo neste mundo, menos para meu marido.

D. Ana — E quem é a senhora para dizer que este ou aquele não pode ser meu marido? Quem manda aqui nesta casa, Senhora Dona Mariquinhas? Uma vez por todas: a senhora há de fazer aquilo que eu quiser, e nunca aquilo que bem lhe parecer; entendeu?

Mariquinhas — Farei tudo o que vosmecê quiser, mas desde já previno-a, que com o tal Barão não me caso.

D. Ana — Ah! A senhora desafia-me? Pois bem, veremos quem vence. Sente-se ali, e vá estudar sua lição de piano.

(Cai o pano)

ATO SEGUNDO

O teatro representa uma sala com portas ao fundo, duas portas laterais. Um sofá, espelhos, etc. É noite.

CENA I

Carlos e Mariquinhas

Ao subir do pano ouve-se a música dentro tocar uma quadrilha que continua durante todo o diálogo. Carlos e Mariquinhas entram de braço pelo fundo e passeiam pela cena.

Mariquinhas — Já sabes que o Senhor Gasparino casou-se, Carlos?

Carlos — Não sabia.

Mariquinhas — Pois é exato: casou-se há dois meses com uma velha muito rica.

Carlos — São casamentos da época.

Mariquinhas — E talvez que eles sejam bem felizes.

Carlos — Oh! Não repitas, Mariquinhas: conheço bastante tua alma para que te julgue capaz de partilhar de tais idéias. Pensas que a felicidade consiste na suntuosidade e no luxo?

Mariquinhas — Não, Carlos. Mas minha mãe, infelizmente, assim o entende e eu não sei o que sinto desde que esse maldito Barão apareceu em nossa casa: o coração vaticina-me que esse homem há de ser a causa da nossa desgraça; é viúvo, rico e sem filhos; e minha mãe já me deu a entender que era ele o único que poderia fazer a minha felicidade.

Carlos — A tua felicidade!...

Mariquinhas — Sim, Carlos. Ultimamente o Senhor Gasparino tornou-se o seu amigo inseparável e talvez insuflado por minha mãe representa entre mim e esse homem o papel mais ridículo que pode representar um moço de educação.

Carlos — E falas de educação, Mariquinhas? Tens razão. O Senhor Gasparino é um moço bem educado, que passa por ter mesmo as mais belas qualidades: freqüenta os salões... Intermedeia nas conversações algumas frases estudadas do francês, enfim... É um moço bem educado. Inculca-se 1º Oficial da Secretaria da Justiça e só fala em grandezas quando não passa de um simples praticante, cuja ocupação é fumar charutos e copiar ofícios. Mora no Hotel dos Estrangeiros; janta e almoça com diplomatas, diz ele, mas entretanto anda em contínua guerra com os cabeleireiros e alfaiates da rua do Ouvidor. A sua vida é um mistério. Mas a sociedade também

pouco se importa com isso: acolhe-o com os braços abertos em seu seio e considera-o mesmo um dos seus filhos prediletos.

Mariquinhas — Mas minha mãe o recebeu em sua casa na persuasão de que ele era um moço distinto.

Carlos — Oh! O que eu não contesto é que ele seja distinto, até bem distinto!

Mariquinhas — Não conversemos sobre futilidades, Carlos; deixemos o Senhor Gasparino. Estamos a sós. Estes momentos são preciosos: falemos de nós só, de nós e do nosso futuro. (*Senta-se juntamente com Carlos*) Não ignoras que este baile foi dado por minha mãe ao Barão da Cutia: minha mãe tem se desfeito em obséquios para com esse homem, leva constantemente a falar na minha educação e nas minhas prendas e é raro o dia em que não mande o carro à cidade para que ele venha passar as tardes conosco. Eu conheço perfeitamente as intenções e julgo que esta comédia, onde, bem contra minha vontade, estou representando um papel tão importante, vai terminar como todas pelo casamento. Assim pois, só tu me poderás salvar antes que isso se realize. Jura-me, Carlos, em nome do nosso amor, que hás de cumprir um pedido que vou fazer-te.

Carlos — Em nome do nosso amor, Mariquinhas, não duvidarei fazer os maiores sacrifícios. Dize.

Mariquinhas — Pois bem, pede-me quanto antes em casamento à minha mãe.

Carlos — E julgas que o meu pedido seria atendido! Queres matar a única esperança que me acalenta, a única ilusão que me resta?

Mariquinhas — Eu juntarei os meus rogos aos teus, Carlos, e ela nos atenderá.

Carlos — Acostumado desde criança aos revezes, este golpe seria o mais doloroso para mim. Deixa-me portanto viver neste doce engano porque esta ilusão é toda minha vida. Órfão de pai e mãe, desde a infância fui confiado aos cuidados de um tio bastante rico, que, incumbindo-se da minha educação, não poupou sacrifícios para sustentar-me na carreira que hoje trilho: foi um pai carinhoso e desvelado que a Providência me deparou e a quem devo tudo neste mundo. Até aqui só tenho tido lágrimas e dores, Mariquinhas, poupa-me o martírio: deixa-me viver nesta ilusão.

Mariquinhas — Mas, Carlos, teu tio é rico... (*Mariquinhas levanta-se e indo à direita encontra-se com Gasparino que entra com uma capa ao braço ao lado de Porfíria*)

CENA II

Os mesmos, **Gasparino** e **Porfíria**

Mariquinhas (*Dando um abraço e um beijo em Porfíria*) — Chegaram tão tarde...

Gasparino (*Tirando o relógio*) — São dez horas, é a melhor hora de entrar-se num salão: além disso a menina esteve arranjando o seu toalete. (*Olhando para Carlos, diz à parte*) Sempre este homem.

Mariquinhas — Não quer ir ao toalete arranjar os seus cabelos e os seus enfeites, Dona Porfíria?

Porfíria — Ai... Estou muito fatigada: os balanços do carro incomodaram-me excessivamente; quero descansar um pouco. Trouxeste o meu vidrinho de água de Colônia, Gasparino?

Gasparino — Esqueci-me, deixei-o no *boudoir*.

Porfíria — Fizeste mal, menino, tu sabes que sou achacada dos nervos e a menor emoção incomoda-me.

Mariquinhas (*À parte*) — E diz ela que tem emoções.

Porfíria — Dá-me a capa, Gasparino; estou um pouco suada e vem dali... Daquela porta, uma correnteza de ar... Que pode fazer-me mal.

Gasparino — Não seas criança, Porfíria, não vês que é uma brisa fagueira e saudável que sopra? Eu sou até de opinião que vás ao jardim respirar este ar, que há de fazer-te bem.

Carlos (*À parte*) — Que par tão elegante!

Gasparino — Vai arranjar o teu toalete, menina. A Senhora Dona Ana de Lemos já deve estar à nossa espera. Aqui tens a tua capa. (*Entrega a capa*) Eu vou passar um golpe de vista pelo salão.

Porfíria — Estou às suas ordens, Dona Mariquinhas. (*Mariquinhas e Porfíria saem pela esquerda*)

CENA III

Carlos e depois o Barão

Carlos — São na realidade bem originais esses quadros da sociedade de hoje! Bem originais, palavra de honra. (*Tira um charuto e vai acendê-lo*)

Barão (*Entrando pelo fundo*) — Que calor, meu Deus! Se me demorasse naquela sala morria sufocado! Além disso, por meu caiporismo, meti os pés no vestido de uma moça e o reduzi a trapos: olhe que sou mesmo um desastrado!

Carlos (*À parte*) — É o Barão: desfrutemo-lo.

Barão — Oh! Doutor, por aqui: não dança?

Carlos — Gosto mais de apreciar, senhor Barão.

Barão — Pois olhe: eu já dancei duas quadrilhas, mas, meu amigo, custaram-me caras, porque estou alagado em suor e com uma dor de cabeça... Oh! Que dor de cabeça, doutor.

Carlos — Padece da cabeça, senhor Barão?

Barão — Muito, doutor, desde o tempo de casado: parece-me que isto já é crônico, é de família. Foi uma felicidade encontrá-lo: se pudesse dar-me um remédio...

Carlos — As dores são periódicas?

Barão — Se eu tenho — periódicos? Não senhor. Apenas assinante do *Correio Paulistano*.

Carlos (*À parte*) — Que estúpido! (*Alto*) Quero dizer: se essas dores aparecem todos os dias a uma hora certa e determinada.

Barão — Não senhor, passo muitas vezes sem tê-las; quase sempre aparecem quando faço um grande excesso; mas no meu tempo de casado eram constantes.

Carlos — Deixe-me ver o seu pulso. (*Apalpa o pulso*) Tenha a bondade de pôr a língua de fora. (*Barão mostra a língua*) A sua língua não está boa. (*A orquestra toca urna valsa*) Com licença, senhor Barão, vou ver se encontro um par de valsa. (*Sai apressado pelo fundo*)

Barão — Ó doutor! Doutor!... — A sua língua não está boa! — E esta! Que diabo terá a minha língua. (*Vai ao espelho e examina a língua*)

CENA IV

Os mesmos e **Gasparino**

Gasparino (*Entrando pelo fundo*) — *Quel damage!* o par de valsa roeu-me a corda. (*Reparando para Barão*) O que está fazendo aí, senhor Barão?

Barão (*Mostrando a língua*) — Veja, (*Pausa*) a minha língua não está boa!

Gasparino — O que quer dizer isso?

Barão — Disse-me o Doutor Carlos!

Gasparino — E Vossa Excelência acredita no que dizem os médicos?

Barão — Oh! Se acredito, meu amigo! Tenho medo desta cidade; todos os dias leio o obituário no *Jornal do Commercio* e arrepio-me diante de uma fileira de pessoas que morrem de *gastrites*, *fistrites*, ou coisa que o valha; e de uma moléstia chamada *idem, idem* que eu não sei o que seja. Estou vendo que se a tal moléstia — *idem* — continua, vou-me embora quanto antes para São Paulo. Aquilo, sim, é que é terra; aparece de vez em quando lá um ou outro caso de *bexigas* ou de *maletas*, mas isso não quer dizer nada à vista do que por aqui há.

Gasparino — Não pense nisso, senhor Barão, Vossa Excelência está sadio e robusto. Já andei à sua procura pela sala. Saiba que ainda não pude realizar o seu negócio: trago a carta aqui no bolso, mas ainda não me foi possível estar em um *tête a tête* com a menina. Eu entendo que Vossa Excelência deve dirigir-se a ela e declarar positivamente tudo o que sente; isto de cartas compromete; as palavras convencem mais. Olhe: eu nunca escrevi à minha cara Porfíria; pintei-lhe em uma ocasião a seus pés a paixão que me devorava com as cores as mais vivas, cantei ao piano um romance cheio de inspiração e de dor...

Barão — Então acha que eu devo... Cantar!

Gasparino — Não é de absoluta necessidade, senhor Barão; basta somente dizer que a ama, que a adora, etc., etc.

CENA V

Os mesmos e Carlos

Carlos (*Aparecendo no fundo, à parte*) — Oh! O Barão e o Senhor Gasparino! Ouçamos o que eles dizem.

Barão — Mas, meu amigo, eu não sou o senhor, o senhor sabe essas palavras bonitas que eu não sei; ainda é moço, e pode, com facilidade, fazer uma declaração de amor.

Carlos (*À parte*) — Uma declaração de amor!

Gasparino — Mas acredite, senhor Barão, que não há nada mais fácil do que uma declaração de amor.

Barão — Mas os meus cabelos brancos

Gasparino — Oh! *Mais ça n'est fait rien*, quando ama-se loucamente uma menina, como Vossa Excelência ama a Dona Mariquinhas.

Barão — Se ela ao menos já tivesse lido a carta... Oh! É impossível que aquela carta que o senhor escreveu não lhe vá fazer cócegas no coração; olhe que está muito bem escrita! Aqueles dois versos do fim... Não se lembra, Senhor Gasparino?

Gasparino — Aquilo foi escrito ao correr da pena, senhor Barão: é impossível reter. Eu entendo que Vossa Excelência deve aproveitar esta noite para fazer a sua declaração. A Senhora Dona Ana de Lemos leva muito a bem, e até estima este casamento, como ela mesmo me deu a entender, e Vossa Excelência não deve perder esses momentos preciosos. Parece-me que este doutorzinho em medicina que frequenta a casa faz a corte e pode tirar-lhe do lance.

Barão — Pois quê? Esse pinga, esse pelintra que teve há pouco o desaforo de dizer que a minha língua não estava boa, arrasta a asa à menina?

Carlos (*À parte*) — São títulos que me honram, é um Barão quem mos dá.

Gasparino — Eu não sei com certeza. Não lhe posso afiançar, mas pelo que tenho observado...

Barão — Então acha que eu devo fazer-lhe uma declaração?

Gasparino — É minha opinião.

Barão — Mas é o diabo! O senhor não poderia ensinar-me algumas frases, ao menos só para começar, sim, porque o mais difícil é começar. Eu sou um pouco estúpido, reconheço.

Gasparino — É modéstia de Vossa Excelência: faço justiça à sua reconhecida inteligência.

Carlos (*À parte*) — Oh! Pois não!

Gasparino — E se o coração não lhe manda aos lábios essas palavras fervorosas de paixão, é porque Vossa Excelência ama com delírio e a presença dessa menina faz-lhe perder a razão.

Barão — Oh! Bonito! Meu amigo, bonito! E assim que devo começar?

Gasparino — Não, senhor Barão. Vossa Excelência deve começar, pintando esse fogo que o abrasa em segredo há três meses, que a ama como um insensato, que, para merecer-lhe um olhar, não duvidaria arriscar a sua glória e o seu futuro, que por um seu sorriso, daria a vida, e que para alcançar a sua mão trocaria as harmonias dos anjos e a mansão celeste pelas chamas e tormentos do inferno!

Barão — Bravo, meu amigo: bravíssimo! Continue, continue: eu lhe peço.

Gasparino — Aí, necessariamente, ela há de dizer que os homens são uns perjuros, uns inconstantes...

Barão — Não é melhor fazermos isto ao vivo, Senhor Gasparino?

Carlos (*À parte*) — Ao vivo! O negócio complica-se.

Barão — Eu quero ficar com essas palavras bem gravadas na memória e é preciso que nem uma só delas se perca. Suponha o meu amigo que eu sou Dona Mariquinhas e que o senhor representa a minha pessoa.

Gasparino — Está dito: como é para bem de Vossa Excelência... Sente-se nesta cadeira. (*Oferece uma cadeira ao Barão que senta-se*) Eu fico deste lado. Lá vai: minha senhora. (*Faz uma cortesia*) Aqui faz Vossa Excelência uma cortesia. Vamos ensaiar outra vez.

Carlos (*À parte*) — Se eu contar esta cena ninguém me acreditará!

Gasparino — Minha senhora... (*Faz uma cortesia e o Barão levantando-se corresponde*) Justamente: há três meses que um sentimento vago e indeciso preenche um vácuo que existia em meu coração: por toda a parte uma imagem de anjo, uma fada, uma visão de roupas brancas me persegue e preocupa-me o pensamento; quer acordado, quer em sonhos vejo esse anjo adejar sobre minha cabeça e apontar-me sorrindo para um céu de venturas e prazer: esse anjo, essa mulher, essa visão de roupas brancas (veja Vossa Excelência a expressão com que eu digo isto), essa visão sois vós.

Barão — Agora eu passo para o seu lugar e o senhor passa para o meu. (*Trocam de lugares*) Mas eu não posso exprimir-me por outras palavras? É impossível decorar em tão pouco tempo toda esta trapalhada.

Gasparino — Vossa Excelência pode usar de outros termos: basta que eles exprimam o que o seu coração sente. Cumpre, porém acabar de joelhos: isto é o mais essencial.

Barão — Lá vai: eu te amo Mariquinhas, tu és uma fada de visões brancas; quero dizer, uma visão de fadas brancas... Oh! Diabo, também não é: ora, isto também não é essencial! Lá vai outra vez: amo-te, sim, amo-te e por que não hei de amar-te? Amo-te como amava a minha cara Inês, (*Possuído, segura nas mãos de Gasparino e ajoelha a*

seus pés) como a minha cara Inês, que lá repousa no Jazigo de Itu. (*Entra Dona Ana de Lemos pela esquerda e pára admirada olhando para o Barão: Carlos desaparece*) Amote e adoro-te. (*Gasparino olha para Dona Ana de Lemos e levanta-se*)

CENA VI

Os mesmos, **D. Ana**, menos **Carlos**

D. Ana (*À parte*) — O Barão aos pés do Senhor Gasparino! Um homem aos pés do outro! (*Alto*) O que fazia, senhor Barão?

Barão (*Ainda de joelhos*) — Nem sei, minha senhora. (*Levanta-se*)

Gasparino (*Perturbado*) — O senhor Barão perguntava-me... Sim... (*À parte*) Que escândalo! (*Alto*) Com licença, minha senhora, eu vou à sala ver a minha Porfíria que deve estar ansiosa por mim. (*Sai*)

CENA VII

D. Ana e Barão

Barão (*Fica perturbado sem saber o que há de dizer: pausa longa*) — Que tal tem achado Vossa Senhoria o baile?

D. Ana — A mim é que compete fazer essa pergunta, senhor Barão.

Barão (*À parte*) — Bonito! Já disse uma asneira.

D. Ana — Vossa Excelência tem-se divertido?

Barão — Alguma coisa, minha senhora, alguma coisa.

D. Ana — Tem dançado, já sei.

Barão — Duas quadrilhas, minha senhora.

D. Ana — Não valsa, senhor Barão?

Barão — Na minha idade, minha senhora! Já estou um pouco pesado; já fiz época. Uma ocasião valsei no baile da Concórdia em São Paulo com a filha do alferes Braga e ela deu a entender que eu não valsava mal: mas hoje já não sou o mesmo.

D. Ana — Já dançou com Mariquinhas, senhor Barão? Ela dança muito bem: é principalmente na dança onde ela prima. Aprendeu três meses no colégio e dança com muita graça.

Barão (*À parte*) — Oh! Ela fala-me desse anjinho: vou declarar-lhe tudo quanto sinto. (*Alto*) A sua filha, minha senhora, a sua filha é... Sim... A sua filha dança bem. Mas eu tenho a cabeça em febre, sinto no peito.

D. Ana — Está incomodado, senhor Barão?

Barão (*À parte*) — Lá vai tudo: ânimo e coragem. (*Alto*) Oh! Minha senhora eu a amo, eu amo uma fada, uma roupa de visões brancas, um anjo que me consome a existência. Esse anjo, essa mulher, essa visão sois vos.

D. Ana — Ai! Será possível, senhor Barão? Tanta felicidade! Tanta ventura! Oh! Diga-me que tudo isto é um sonho! Tire-me desta ilusão!

Barão — Oh! Não, não é um sonho: eu amo, sim, eu amo: por um seu sorriso daria as chamas do inferno e por um seu olhar as alegrias dos anjos. A vossos pés deposito duas fazendas.

D. Ana — Ah!

Barão — O meu sítio da Cutia...

D. Ana — Oh!

Barão — O meu sítio do Senhor Bom-Jesus de Parapora.

D. Ana — Ah!

Barão — A minha burra branca e o meu título de Barão. (*D. Ana desmaia*) O que é isto, minha senhora? O que tem? (*Tira um lenço e abana-lhe o rosto*) Minha senhora! Minha senhora!

D. Ana — Estou melhor; o prazer, a emoção... Aceito com reconhecimento tanto sacrifício, senhor Barão. Em troca de tudo isto só posso dar-lhe a minha mão.

Barão (*À parte*) — A sua mão! O diabo da velha não me entendeu!

D. Ana (*À parte*) — Oh! É um sonho! Eu o queria para genro e ele quer dar-me o doce título de esposa.

Barão — A sua mão! Então Vossa Senhoria não me compreendeu.

D. Ana — Pois não é da nossa união de que se trata, senhor Barão?

Barão — Vossa Senhoria entendeu mal! É a mão de sua filha, de Dona Mariquinhas que eu peço.

D. Ana — Oh! Bem eu dizia que era um sonho; mas ainda sou muito feliz, senhor Barão, muito feliz: não mereci o doce nome de esposa, mas posso de ora em diante chamar-lhe meu adorado, meu idolatrado filho.

Barão — Oh! Minha senhora, Vossa Senhoria entenece-me.

D. Ana (*À parte*) — Duas fazendas! Um baronato! Realizou-se enfim o meu sonho dourado. (*Alto*) Vou para a sala, senhor Barão, quero dar quanto antes a Mariquinhas esta agradável notícia.

Barão — Por ora nada lhe diga, minha senhora: ela pode desmaiar de prazer.

D. Ana — Vou quanto antes, senhor Barão. (*À parte*) Duas fazendas! (*Sai apressada pelo fundo*)

CENA VIII

O Barão, Mariquinhas e Porfíria

Barão (*Respirando*) — Parece-me que estou livre de uma carga! Ora também o diabo não é tão feio como o pintam; pensei que fosse mais difícil. (*Entra Mariquinhas com Porfíria pela esquerda*) Aí vem ela: que peixeão!

Porfíria (*Cumprimentando o Barão*) — Senhor Barão... Ainda não tive o prazer de vê-lo hoje, mas já perguntei por Vossa Excelência. (*Senta-se juntamente com Mariquinhas depois desta fazer uma cortesia ao Barão*)

Barão — Estou aqui tomando fresco.

Mariquinhas — Como tem achado esta nossa reunião, Dona Porfíria?

Porfíria — Bem agradável, Dona Mariquinhas. Mas infelizmente não a tenho apreciado como devia. Depois que me casei, qualquer coisinha é bastante para chocar-me os nervos. O calor das luzes, a orquestra, o murmúrio das salas, os balanços do carro, tudo isto incomoda-me extraordinariamente. Estou casada há dois meses e Gasparino não me tem deixado sossegar um só instante: leva-me a bailes, festas, teatros, passeios... Enfim, é um *motu contínuo*. Eu já lhe tenho dito muitas vezes que não posso viver assim, mas ele sempre me responde que não é bonito para um rapaz casado aparecer em público sem a sua cara metade. Além disto obriga-me a andar todos os dias em casa espartilhada.

Mariquinhas — Mas isso há de fazer-lhe mal?

Porfíria — Já tenho um vergão na cintura e ultimamente estou padecendo do estômago. Mas em compensação não podia acertar melhor na escolha de um marido: faz-me todas as vontades e não duvida mesmo sacrificar-se para realizar os

meus menores caprichos. Foi um pouco extravagante em solteiro, é verdade, mas doravante espero que há de ser um bom pai de família.

Barão (*À parte*) — Nem sequer olha para mim: olhem que é mesmo um peixão!

Mariquinhas — Deve ser um estado bem feliz o casamento, quando se encontra um bom marido.

Barão — Na verdade... Bem feliz, minha senhora. Ao lado da minha Inês eu gozava momentos de verdadeira felicidade! (*À parte*) Não me responde. Se aqui não estivesse esta maldita velha repetia-lhe a declaração.

Mariquinhas — Esteve ontem no Clube, Dona Porfíria? Dizem que a partida esteve muito concorrida.

Porfíria — Estivemos no teatro — Gasparino quis ir ouvir a *Norma*. (*A orquestra toca uma polca*)

Mariquinhas — Não vai dançar, Dona Porfíria?

Porfíria — Tenho par para a quarta, mas julgo que tocam uma polca.

Barão (*À parte*) — Vou pedir-lhe uma quadrilha. Esta velha empata-me as vasas. (*Alto para Mariquinhas*) Tem par para esta quadrilha, Sinhá?

Mariquinhas — Já tenho, senhor Barão.

Barão — E para a seguinte?

Mariquinhas — Também já tenho, senhor Barão.

Barão — E para a outra?

Mariquinhas — Já tenho par para todas, senhor Barão.

Barão (*À parte*) — Se ao menos ela já tivesse recebido a carta...

Porfíria — Senhor Barão: dê-me o seu braço e vamos dar um passeio pela sala.

Barão (*À parte*) — Que maldita velha! (*Alto*) Pois não, minha senhora. (*Dá o braço a Porfíria*)

Porfíria — Não vem, Dona Mariquinhas?

Mariquinhas — Há de desculpar-me, Dona Porfíria. Tenho que dar algumas ordens lá dentro. (*Porfíria e Barão saem*)

CENA IX

Mariquinhas, só.

Mariquinhas — Não sei o que sinto quando estou ao pé deste homem: a sua figura, os seus gestos e o seu ar aparvalhado só me inspiram terror e repugnância. Para minha mãe talvez seja ele a felicidade que entrou em casa; para mim é o anúncio terrível de uma desgraça que pressinto. Paciência! Resta-me ao menos a esperança de que Carlos me salvará. (*Vai ao espelho e arranja as flores do cabelo*)

CENA X

A mesma e **Gasparino**

Gasparino (*Aparecendo no fundo, à parte*) — Afinal encontrei-a só. (*Dirige-se para a cena: Mariquinhas volta-se*) Minha senhora: aflito procurava uma ocasião para dirigir-lhe a sós algumas palavras.

Mariquinhas — Sinto bastante não poder satisfazer-lhe, Senhor Gasparino: vou dançar.

Gasparino — Oh! Conceda-me ao menos um só instante, eu lhe suplico.

Mariquinhas — Tenha a bondade de dizer o que deseja.

Gasparino — Quero cumprir uma missão santa e sublime de que me encarregaram.

Mariquinhas — Já lhe disse que vou dançar. (*Quer sair: Gasparino toma-lhe a frente*)

Gasparino — Eu lhe suplico, minha senhora: duas palavras apenas.

Mariquinhas — Pois bem, fale. (*À parte*) Quero certificar-me de minhas suspeitas.

Gasparino — Minha senhora: há três meses que um homem a adora como um insensato, que a idolatra, que fez de Vossa Excelência o único sonho de seus pensamentos e que para alcançar um sorriso de seus lábios seria capaz de dar a própria vida. Esse homem deposita aos pés de Vossa Excelência uma fortuna de 500 contos e um título pomposo e nobre que a colocará nos primeiros degraus da escala social.

Mariquinhas (*Com altivez*) — E quem é esse homem?

Gasparino — O Barão da Cutia, minha senhora.

Mariquinhas (*À parte*) — Oh! Bem me dizia o coração. (*Alto*) E o senhor não fez mais do que representar um papel que lhe encomendaram? É na realidade um brilhante papel, Senhor Gasparino.

Gasparino — É um serviço, minha senhora, que pode e até deve prestar todo o amigo dedicado e fiel.

Mariquinhas — Estou ciente, Senhor Gasparino: está cumprida a sua missão?

Gasparino (*Tirando uma carta do bolso*) — Pediu-me mais que lhe entregasse este — *párfumé* — e que dissesse a Vossa Excelência que, já que ele próprio não podia manifestar os seus sentimentos, confiava ao papel os arcanos de sua alma, pede-lhe resposta. (*Entrega a carta*)

Mariquinhas (*Rasgando a carta*) — Diga-lhe que a melhor resposta que lhe posso dar é esta.

Gasparino — O que fez, minha senhora? Vossa Excelência rasgou uma página cheia de inspiração e de sentimento! Uma página que encerra as confissões de uma alma apaixonada! É preciso não ter coração! O Barão ama-a como um louco, adora-a e em nome de tudo que Vossa Excelência tem de mais caro e de mais santo, em nome de sua mãe, eu peço-lhe, suplico-lhe de joelhos (*Ajoelhando-se*) que alimente essa paixão que pode levá-lo à sepultura.

CENA XI

Os mesmos, o **Barão** e **Porfíria**

Porfíria (*Entrando de braço com o Barão pelo fundo*) — Ai... Os meus nervos... Eu morro... Segure-me, senhor Barão. (*Desmaia*)

Barão — Dona Porfíria! Dona Porfíria! (*Sentando-a no sofá*)

Gasparino (*À parte*) — Bonito!... Por esta não esperava eu.

Porfíria — Os meus nervos... Eu morro... Ai! Senhor Barão, não me desampare.

Gasparino (*Dirigindo-se a Porfíria sustém-lhe a cabeça. Para o Barão*) — Vossa Excelência acaba de comprometer-me. (*Para Porfíria*) Menina, ó menina, o que tens? Olha, é o teu Gasparino.

Porfíria — Ah!... Eu morro... Eu morro... Meu Deus.

Mariquinhas (*Para Gasparino*) — Talvez que cheirando um pouco de água de Colônia lhe passasse.

Gasparino — Isto costuma dar-lhe quase sempre, não é nada, minha senhora.

Barão — Ou então uma canja de galinha. (*Indo ao fundo grita*) Uma canja! Uma canja!

Gasparino — Como, senhor Barão? Canja num baile!

Barão — Sim, senhor: lá para os meus lados em todos os bailes há canja de galinha, isto é fraqueza e a canja sendo substancial faz-lhe bem.

Gasparino — Não é preciso, senhor Barão, traga-lhe antes um sorvete, isto é proveniente do calor.

Mariquinhas (*À parte*) — Um sorvete para uma vertigem!

Gasparino — Porfíria! Porfíria! Meu anjo! Meu coração! O que tens? Dize, eu te peço.

Mariquinhas — Não seria bom desatar o vestido, Senhor Gasparino?

Gasparino — Não é necessário, minha senhora, a Gudín faz-lhe os vestidos muito largos. (*Para Porfíria*) Minha Porfíria! Minha Porfíria! Comeste alguma coisa indigesta? (*À parte*) Se isto se espalha, que escândalo, meu Deus!

CENA XII

Os mesmos, **Carlos** e o **Barão**

Barão (*Entrando pelo fundo com Carlos*) — Venha, doutor, venha, ali está ela. (*Carlos dirige-se para Porfíria*)

Gasparino — Não é nada, doutor: é uma pequena vertigem.

Barão — Mas ela está muito pálida! (*À parte*) E a pequena nem sequer olha para mim!

Carlos (*Apalpando o pulso de Porfíria*) — O seu pulso está agitado, mas julgo que é simplesmente uma síncope.

Gasparino — Uma síncope, doutor?! É moléstia grave?...

Carlos (*Com riso irônico*) — Talvez seja, Senhor Gasparino. (*Para Mariquinhas*) Tenha a bondade de levar esta senhora ao toalete, Dona Mariquinhas, desatar o colete e ministrar-lhe os socorros necessários.

Gasparino (*Baixo para o Barão*) — Já lhe disse tudo.

Barão — E então?...

Carlos (*Baixo para Mariquinhas*) — Tenho muito que dizer-te.

Mariquinhas — E eu também, Carlos. (*Carlos ajuda a Mariquinhas a levar Porfíria para a esquerda*)

(*Cai o pano*)

ATO TERCEIRO

O teatro representa a mesma cena do primeiro ato.

Barão, só.

Barão (*Lendo o Jornal do Commercio*) — "Aluga-se... Vende-se..." É célebre! Estas folhas do Rio de Janeiro não trazem nada de importante! Em São Paulo lê-se o *Correio Paulistano* e faz gosto ver as notícias curiosas que traz aquele jornal. (*Virando a folha do jornal, lê*): "No dia 6 foram sepultados... Julião Praxedes da Cunha, de *fistrites, quistrites, entre coletes ou colites*." Isto é erro de imprensa. "Antônio Gervásio de Araújo, idem, Luciano Pimentel, idem... idem... idem..." Cá está o tal implicante idem. É — *a fantasma* — que me persegue nesta maldita terra! Noutro dia fui consultar um médico e ele disse-me que era moléstia contagiosa! Os sintomas são terríveis: dilatação do nariz... (*Apalpando o nariz*) Felizmente o meu ainda está do mesmo tamanho; afecção nervosa pela circunferência do crânio, estremeamento de orelhas, terminando por cair o indivíduo de quatro pés e entregar-se a um furor infrene. Oh! há de ser uma morte horrível! Logo que sentir o primeiro estremeamento

de orelhas, estou marchando para São Paulo. (*Virando a folha do jornal, lê*): "O Doutor Carlos de Brito dá consulta todos os dias úteis das 9 horas às 10 da manhã." E o pelintra que anda fazendo roda à pequena e que, segundo me disseram, está hoje senhor de boas patacas. (*Tirando o relógio e vendo as horas*) E esta! Há quase meia hora que estou aqui e ainda ninguém veio falar-me! É célebre! Tenho reparado que há um mês para cá esta gente já não me recebe como dantes; a velha já não manda o carro buscar-me todas as tardes e ultimamente sempre que aqui venho aparece-me de nariz torcido, depois de meia hora de espera. Ontem falei-lhe para marcar quanto antes o dia do casamento e a maldita respondeu-me que por ora nada podia fazer, porque ainda se está preparando o enxoval. Maldito enxoval, que demora-me o casório! (*Suspirando*) Ai, ai; muito padece quem ama!

CENA II

O Mesmo e Gasparino

Gasparino (*Entrando vestido de luto, à parte*) — Oh! O Barão! Que maçante! (*Alto*) Bons dias, senhor Barão.

Barão — Oh! Meu caro amigo, como vai? Há muito tempo que o não vejo. Por onde tem andado? Já não quer aparecer por aquela sua casa.

Gasparino — Depois da morte da minha cara Porfíria... (*Tirando o lenço e levando-o aos olhos*) Oh! Não posso lembrar-me daquele anjinho sem derramar copiosas lágrimas. Foi uma fatalidade!

Barão (*Também enxugando os olhos*) — Também a minha burra branca morreu. São decretos da Providência!

Gasparino — Ontem fui ao cemitério e deposei sobre a sua sepultura uma capela de saudades.

Barão — A minha jaz na Cutia, dormindo o sono dos inocentes. Era mesmo uma inocente criatura! Como marchava aquele animal, Senhor Gasparino, era uma rede!

Gasparino — Deixemos aqueles que repousam na mansão dos justos (*Mudando de tom*) Vossa Excelência já fixou o dia do seu casamento?

Barão — Até agora nada está decidido.

Gasparino (*À parte*) — E creio que nada arranjarás.

Barão — Se o senhor pudesse interceder por mim... Eu não tenho jeito para essas coisas. Se não fosse o senhor talvez que a Senhora Dona Ana ignorasse até as minhas intenções.

Gasparino — Veremos, senhor Barão. Hei de fazer tudo que estiver no círculo de minhas forças. (*À parte*) Conta comigo, meu lorpa.

Barão (*Tirando o relógio, à parte*) — Cinco e meia: há mais de meia hora que estou aqui e ainda ninguém! Que maçada! (*Alto*) Ora diga-me cá, Senhor Gasparino: o senhor que é um moço de inteligência e de saber, poderá explicar-me uma coisa extraordinária que observo há perto de um mês?

Gasparino — Já sei: quer falar-me do cometa que aparece as noites?

Barão — Não; não é isso. Em São Paulo aparecem muitos, mesmo de dia; mas como não devo nada a ninguém, não tenho medo dos cometas.

Gasparino (*À parte*) — *Je ne le comprends pas, mais c'est la même chose.*

Barão — Quero que o senhor me explique a razão por que a Senhora Dona Ana de Lemos trata-me presentemente com tanta frieza.

Gasparino (*À parte*) — Felizmente já reparou. (*Alto*) Nada mais fácil de explicar-se, senhor Barão. Outrora era Vossa Excelência uma pessoa importante e de cerimônia,

cujas relações era preciso firmar com carinhos e um tratamento condigno com a sua posição; hoje Vossa Excelência não é mais do que um filho da casa, um amigo dedicado e fiel, para quem morrem essas regras banais e frívolas da etiqueta.

Barão (*Apertando a mão a Gasparino*) — Oh! Meu amigo, obrigado. Quando estou ao pé do senhor é que reconheço a minha estupidez. Já não me lembrava que eu era um filho da casa e que não devia reparar nessas coisas. E a pequena ainda consagra-me aquele afeto?

Gasparino — Oh! Ela ama-o como uma insensata!

Barão — Não me diga isso que enlouqueço.

Gasparino (*À parte*) — Este homem não se conhecerá?

Barão (*Segurando no chapéu*) — Eu vou aqui à casa do Comendador Lisboa fazer uma visita e depois virei cumprimentar a minha futura costela. É um anjinho! Se falar com a Senhora Dona Ana de Lemos, não se esqueça do meu pedido.

Gasparino — Já disse a Vossa Excelência que hei de fazer tudo o que puder.

Barão (*Apertando a mão de Gasparino*) — Obrigado, meu amigo. Até logo. (*Sai pelo fundo*)

CENA III

Gasparino, só.

Gasparino — *Quelle bête*. Até agora ainda não compreendeu que esta família o repele e pede-me que interceda por ele na fixação do dia do casamento, quando a Senhora Dona Ana de Lemos, confiada na perspicácia que me caracteriza suplicou-me que o despedisse quanto antes desta casa da maneira a menos escandalosa. Na realidade a missão é um pouco difícil, mas enfim é preciso cumpri-la porque tenho cá meus cálculos. Concordo que a Senhora Dona Ana de Lemos, prometendo a mão da menina a esse lorpa, ele tenha um justo motivo para revoltar-se, sofrendo agora uma repulsa; mas também ninguém poderá deixar de concordar que uma fortuna de mil contos não é uma fortuna de quinhentos. Ora, o Senhor Doutor Carlos de Brito, que parecia ser um mau moço, mas que hoje vejo que é um moço de excelentes qualidades, possui com a morte de um tio uma fortuna de mil contos; logo, deve ser preferido ao Barão da Cutia, que possui quinhentos. Isto é lógico e não pode sofrer refutação. Uma fortuna de mil contos! *Parbleu* que já é um belo capital. (*Sentando-se no sofá e suspirando*) Ai, ai! Se eu possuísse tanto dinheiro não estava, decerto, crivado de dívidas. Logrado por aquela velha, a quem o destino ligou-me por três meses, e que o mundo dizia possuir as minas da Califórnia, poderia hoje fazer uma brilhante figura, se a maldita não possuísse unicamente uns miseráveis trinta contos, metade dos quais empreguei no pagamento de algumas dividas minhas e se ela não tivesse a extravagante idéia de deixar a sua terça a irmandades e obras pias. Mas em compensação fiz-lhe também uma obra pia e de caridade, mandando-a para outro mundo da maneira a mais fácil possível. (*Levantando-se*) É um meio pronto e eficaz que recomendo a todos aqueles que se casarem com velhas ricas. Tornei-me sócio de todos os bailes que por aí há, assinante de todos os teatros e por toda a parte levava a velha comigo sempre apertada de colete e trajando os melhores vestidos que figuravam nas vidraças do Wallerstein. Se estava suada oferecia-lhe um sorvete para refrescar-se; se se queixava dos vestidos apertados, convencia-a de que era muito ridículo andar uma menina de vestidos largos: ceias todas as noites para prevenir indigestões; banhos de água fria depois de um passeio pelo campo para dar vigor ao corpo; fogos de artifício etc., etc. Com tal receita pode qualquer dar o passaporte a uma velha desta para a melhor dentro de três meses.

Oh! Se eu não tivesse sido logrado, poderia hoje ser o homem mais feliz do mundo! (*Pensando*) Mas enfim não convém desesperar. A Senhora Dona Ana de Lemos tem alguma coisa... Julga-me sem dúvida senhor de uma boa fortuna com a morte da velha... a menina casa-se com mil contos... Fica este bolo em casa... Silêncio, minhas esperanças fagueiras! Aí vem ela.

CENA IV

O mesmo e **D. Ana**

D. Ana (*Entrando pela direita*) — Ansiosa esperava a sua chegada. Já sei que estive aqui com o Barão.

Gasparino — É verdade.

D. Ana — Então?

Gasparino — Por ora não lhe disse nada de positivo.

D. Ana — Senhor Gasparino, é um favor que lhe peço: veja se me enxota quanto antes aqui de casa aquela bisca.

Gasparino — Hei de empregar os meios, minha senhora, mas convém não dar escândalo.

D. Ana — É um toleirão, um malcriado que vem todos os dias aborrecer a menina e maçar-me a paciência contando-me histórias da sua burra branca, falando-me das vantagens da garapa de Santo Amaro, da farinha de milho, de sua fazenda e de tudo que lhe vem à boca. Não acha, Senhor Gasparino, que é um homem sem polidez, sem educação?

Gasparino — É minha opinião de há muito, minha senhora. (*À parte*) É preciso adular a velha.

D. Ana — Veja se pode haver comparação entre o Doutor Carlos e aquela figura de jarro de louça: é um homem até feio, noutra dia estive reparando.

Gasparino — E além disso não está na posição em que se acha o Doutor Carlos de Brito!

D. Ana — Justamente. O Senhor Carlos é um moço inteligente e estudioso, que tem diante de si um futuro brilhante e se não é, como o primeiro, um Barão, possui um título ainda mais nobre, porque adquiriu-o à custa de sacrifícios e trabalhos. Além disso os títulos hoje compram-se e com uma fortuna de mil contos não há ninguém que deixe de ser Barão.

Gasparino — Com mil contos eu seria até Imperador da China.

D. Ana — Demais, devemos respeitar as primeiras inclinações. O Senhor Carlos foi o primeiro moço por quem palpitou o coração de Mariquinhas: cortar a felicidade desses dois inocentes seria matá-los.

Gasparino — A felicidade? E um sonho dourado que não se realiza na terra.

D. Ana — Descrê da felicidade, Senhor Gasparino? Tem razão, com a perda que acaba de sofrer...

Gasparino — É uma perda irreparável, minha senhora!

D. Ana — Não descreia. Na posição em que está, talvez encontre brevemente alguém que possa fazer a ventura de seus dias.

Gasparino (*À parte*) — Esta mulher está me desafiando.

D. Ana — E se tiver de dar pela segunda vez esse passo, ouça os conselhos de uma pessoa experiente e que o estima. Escolha uma mulher sisuda, já gasta das ilusões do mundo e deixe as mocinhas da moda, essas cabecinhas de avelã, em cujo seio só poderá encontrar a desgraça.

Gasparino (*À parte*) — Não há dúvida: é mesmo uma provocação!

D. Ana — Essas nunca poderão ser boas consortes, nem tampouco boas mães de família, porque, não tendo discernimento bastante para compreender a força desta palavra santa e sublime: amor; falam com o coração e o coração as atraiçoa! Mas o que tem, Senhor Gasparino? Está incomodado? (*À parte*) Sem dúvida já compreendeu tudo.

Gasparino — Não tenho nada, minha senhora. Vossa Excelência fala-me em coisas tão tocantes, que é impossível deixar de comover-me.

D. Ana — Feliz daquela que possuir um coração tão sensível!

Gasparino (*À parte*) — Isto já é muito positivo! Vou declarar-me. (*Alto*) Minha senhora, uma vez que Vossa Excelência pinta-me com cores tão vivas a felicidade de um estado que tanto amei, e do qual tão cedo vi-me privado, é justo que eu também abra o meu coração a Vossa Excelência, manifestando um sentimento que nele germina apenas há um mês, mas que é toda a minha vida. (*À parte*) Ainda não compreendeu?

D. Ana (*À parte*) — Será possível?

Gasparino — E se uma senhora, nas condições que Vossa Excelência apresenta, quisesse preencher esse vácuo...

CENA V

Os mesmos e **Carlos**

Carlos (*Entrando pelo fundo vestido de luto*) — Desculpem se venho interromper a conversação.

D. Ana — Chegou muito a propósito, doutor; há pouco falávamos na sua pessoa.

Gasparino (*Oferecendo urna cadeira a Carlos*) — Não quer sentar-se, doutor?

Carlos — Aceito: muito agradecido. (*Sentam-se todos*)

D. Ana — Ontem tinha prometido vir jantar conosco e no entretanto logrou-nos. Pois não sabe o que perdeu: jantou aqui o Senhor Gasparino e tivemos um belo jantar.

Carlos — Só o que sinto é não ter gozado duma tão amável companhia.

Gasparino — O doutor foi quem não quis proporcionar-nos este prazer.

D. Ana — Mariquinhas sentiu bastante a sua ausência. Ai vem ela. (*Entra Mariquinhas*)

CENA VI

Os mesmos e **Mariquinhas**

Carlos — Como tem passado, Dona Mariquinhas?

Gasparino (*Fazendo uma cortesia*) — Minha senhora...

D. Ana — Há duas horas que está-se vestindo, doutor. Quando espera pelo senhor não quer sair do espelho. Veja como está bonitinha!

Mariquinhas — Mãe...

Gasparino — Em compensação traz uma elegante toalete.

Carlos — E muito natural que uma moça na idade de Dona Mariquinhas, possuindo tantos encantos, ame aos espelhos.

Mariquinhas (*Rindo-se*) — Mas o que não é natural é que o Senhor Doutor Carlos seja tão lisonjeiro para comigo.

Carlos — Lisonjeiro, porque disse a verdade.

D. Ana (*Para Gasparino*) — Olhe como estão ternos! Nem ao menos respeitam a presença de uma mãe para renderem-se finezas. Vamos dar um passeio pelo

jardim, Senhor Gasparino, para não perturbar a felicidade destes dois anjinhos. Lá continuaremos aquela conversação tão bela que foi interrompida.

Gasparino (*À parte*) — Está mesmo me desafiando. Vou acabar a declaração. (*Dá o braço a D. Ana*)

D. Ana — Vamos dar um passeio pelo jardim: até já. (*Saem pelo fundo*)

CENA VII

Carlos e Mariquinhas

Mariquinhas — Realizou-se enfim toda a nossa ventura, Carlos!

Carlos — E verdade, Mariquinhas, mas, se não te adorasse como um anjo, nunca a aceitaria por um tal preço! Outrora eu era um simples doutorzinho em medicina, cuja fortuna consistia em um diploma, um desgraçado que freqüentava a tua casa, e se não era maltratado por tua mãe, era muitas vezes recebido com indiferença. Hoje trocaram-se as cenas e o Doutor Carlos de Brito toma o lugar do estúpido Barão pelos motivos que tu bem sabes e que meus lábios não devem pronunciar. Tua mãe especula com a tua mão, tua mãe calca aos pés a virtude e a dedicação para ajoelhar-se diante do ídolo da época, tua mãe é...

Mariquinhas — É minha mãe, Carlos.

Carlos — Tens razão, é tua mãe. Perdoa este desvario.

Mariquinhas (*Risonha*) — Está perdoado. Agora só o que te peço é que não sejas tão mau e que freqüentes esta casa.

Carlos — Para quem vem disposto a solicitar hoje mesmo tua mão, esse pedido é inútil.

Mariquinhas — Oh! eu te agradeço, Carlos. O coração vaticina-me que havemos de ser muito felizes. Mas o que me dói e que mais me amofina, é ver minha mãe zombar assim desse pobre homem a quem prometeu a minha mão sem consultar minha vontade e desprezando todas as considerações, quando devia ser a primeira a desenganá-lo. Tenho pena dele, Carlos.

Carlos — Não te incomodes: tua mãe há de sair deste embaraço da melhor maneira possível.

Mariquinhas — E é o Senhor Gasparino, o mesmo que lisonjeava o seu amor próprio e que um papel tão indigno representou entre mim e ele, que se incumbiu de despedi-lo desta casa.

Carlos — Não me dizias que o Senhor Gasparino era um moço de educação? (*Barão aparece no fundo*)

Mariquinhas — Julgava-o apenas uma cabeça leviana, mas nunca o tive por um homem infame!

CENA VIII

Os mesmos e **Barão** (*No fundo*)

Barão (*À parte*) — Ela chamou-o de infame!

Carlos — É um homem da época.

Mariquinhas — Mas o que é verdade é que eu tenho pena do Barão, porque vejo que é um pobre homem.

Barão (*À parte*) — Oh! Ela fala em meu nome! Vou livrá-la das garras daquele malvado. (*Avançando para a cena*) Ora viva!

Carlos (*Fazendo uma cortesia*) — Senhor Barão.

Barão — Deixemo-nos de cumprimentos. O senhor é um homem infame, e eu não cumprimento a infames.

Carlos — Como, senhor Barão? Tenha a bondade de repetir.

Mariquinhas (*À parte*) — Este homem enlouqueceu!

Barão — Abusar da inocência de uma menina para fazer-lhe propostas inconvenientes...

Carlos — Senhor Barão...

Mariquinhas — Dê-me o seu braço, Senhor Carlos. Vamos chamar minha mãe para vir cumprimentar o senhor Barão.

Carlos (*Dando o braço*) — Se não estivesse ao pé de uma senhora a quem respeito e a quem o senhor devia respeitar por todos os títulos, dar-lhe-ia uma resposta conveniente. (*Carlos e Mariquinhas saem conversando baixo*)

CENA IX

Barão, só.

E esta! Querem-na mais clara, deem-lhe água. Chama-o de infame e sai de braço com ele a conversar muito amigavelmente! Os diabos levem quem for capaz de entender uma mulher! Há três meses que gosto desta menina e até ao presente não me disse coisa com coisa. Ora não me vem logo falar porque está com dor de cabeça; ora desculpa-se com trabalhos de costura; umas vezes recebe-me com muita alegria; outras vezes trata-me mal... Enfim o diabo que a entenda. Já estou arrependido de me ter metido em semelhante alhada. Não podia estar eu na Cutia muito à minha vontade! Vir a esta terra endiabrada cheia de carros, de lama e de calor, para deixar-me apaixonar nesta idade por uma menina que é um demônio de saia balão! Sou na verdade bem desgraçado! (*Senta-se*)

CENA X

O mesmo, **D. Ana** e **Gasparino**

D. Ana (*Entrando com Gasparino pelo braço*) — Oh! Havemos de ser muito felizes! Silêncio! Eis aí o Barão. E preciso desenganá-lo de uma vez. Senhor Barão...

Barão — Até que afinal tenho o prazer de vê-la.

Gasparino (*Baixo para D. Ana*) — Vou desenganá-lo já. (*Para o Barão*) Saiba Vossa Excelência que...

D. Ana (*Para Gasparino*) — Espere que eu o despeço em poucas palavras. (*Para o Barão*) Saiba Vossa Excelência que...

Barão (*Interrompendo*) — Já sei: Vossa Senhoria quer desculpar-se por não me ter aparecido há mais tempo. Eu sei o que são essas coisas; a minha defunta Inês muitas vezes não aparecia às visitas porque tinha de preparar garapa.

D. Ana — Ora, senhor Barão, essas conversações para uma sala...

Gasparino — Eu também acho-as impróprias.

Barão — Garapa não é coisa indecente.

D. Ana — Não duvido, senhor Barão: mas há certas conversações que São impróprias de uma sala.

Barão (*À parte*) — E esta!

D. Ana (*Para Gasparino*) — Agora vai tudo de uma vez. Saiba Vossa Excelência que a menina...

Barão (*Interrompendo*) — Já sei, minha senhora, eu já a vi: não pôde aparecer logo que eu cheguei, porque está ocupada com o enxoval. Eu não reparo nestas coisas.

D. Ana (*Para Gasparino*) — O homem faz-se de tolo.

Gasparino (*Baixo*) — Não senhora, é mesmo muito estúpido: eu o conheço.

D. Ana — Pois senhor Barão, Vossa Excelência há de permitir...

Barão — Sem mais incômodo, minha senhora.

CENA XI

Os mesmos, **Carlos e Mariquinhas**

Mariquinhas (*Entrando pelo fundo de braço com Carlos*) — Já andei à sua procura pelo jardim, mamãe.

D. Ana — Eu passeava pela chácara com o Senhor Gasparino.

Barão (*À parte*) — E ainda me aparece de braço com o tal pelintra. Vou deslindar toda esta alhada. (*Alto, para D. Ana*) Minha senhora, desejava dirigir algumas palavras unicamente à senhora e à sua filha.

D. Ana — Os nossos negócios foram sempre públicos, senhor Barão; nunca tive segredos com Vossa Excelência.

Barão (*À parte*) — E ela tem razão, porque o casamento é um ato público. (*Alto*) Então posso dizer aqui mesmo na vista destes senhores?

D. Ana — Se não for alguma coisa que ofenda as regras da decência...

Barão — Nada, não senhora. Somente quero que Vossa Excelência designe positivamente o dia do casamento.

D. Ana — Mariquinhas é quem poderá dizê-lo.

Mariquinhas (*Baixo para Carlos*) — Vê em que apuros me põe mamãe, Carlos.

Barão (*Para Mariquinhas*) — O que decide, Sinhá? (*À parte*) Como palpita-me o coração.

Mariquinhas — Eu...

D. Ana — Esta menina há dias para cá...

Gasparino — A Senhora Dona Mariquinhas, senhor Barão, ama a outra pessoa e é impossível realizar-se este casamento.

Barão — Ama a outra pessoa!

Mariquinhas — Nunca o escolhi para intérprete de meus sentimentos, Senhor Gasparino; agradeço-lhe o interesse que toma por mim, senhor Barão: o meu coração nunca poderia pertencer a um homem a quem sempre respeitei e tratei com toda a consideração, mas que nunca me inspirou esse sentimento inexplicável, que deve fazer a felicidade do estado conjugal. O Senhor Doutor Carlos de Brito já solicitou a minha mão: é ele o único que pode tornar-me feliz.

Gasparino (*À parte*) — Afinal está tudo decidido!

D. Ana — Já vê, portanto, senhor Barão, que não posso ir de encontro à vontade de minha filha. Além disso, o Senhor Doutor Carlos está em tal posição...

Barão — No que é que a posição do senhor aqui é melhor que a minha? E o meu título de Barão? E as minhas duas fazendas? e os meus dois sítios?

Gasparino — Isso é nada em relação a uma fortuna de mil contos!

Barão — Ah! Agora tudo compreendo; e é por causa disso que me desprezam? Eu já devia sabê-lo antes de pisar nesta terra! (*Para D. Ana*) A senhora é uma mulher falsa e fingida que põe preço à mão de sua filha e que não duvida comprometer a sua palavra só por causa do dinheiro.

Mariquinhas (*Para Carlos*) — Ele insulta a minha mãe, Carlos.

Carlos — E com razão, Mariquinhas.

Barão — A senhora será até mesmo capaz de saltar por cima das considerações da honra e da dignidade...

D. Ana — Senhor Barão...

Barão — Não receio ameaças porque, se a minha linguagem é de um homem estúpido e sem isso o que a senhora chama educação e que eu chamarei antes a máscara que oculta uma alma corrompida, tenho ao menos a franqueza e a lealdade que caracteriza um homem de província. Antes me falasse com essa linguagem no dia em que pedi a mão de sua filha do que obrigar-me a representar um papel tão indigno! A senhora adulava-me e chegou mesmo a tomar para si uma declaração que era para sua filha, porque tinha em vista lucrar com a minha entrada nesta casa. Eu não encontro até mesmo palavras para dizer o que a senhora é...

D. Ana — Senhor Barão, lembre-se que está no seio de uma família.

Barão — Onde estou sei eu: é no seio da corrupção e da miséria!

Gasparino — E melhor retirar-se, senhor Barão, para não dar escândalos.

Barão — E é o senhor que fala em escândalos!

Gasparino (*À parte*) — Ei-lo comigo.

Barão — O senhor que é talvez a causa de tudo isto! O senhor que especulou também com este negócio, servindo de correio de meus amores, para exigir depois o pagamento de algumas dívidas que sua mulher não quis pagar! O senhor, que pela entrega de uma carta esfolou-me trezentos mil réis.

Gasparino (*À parte*) — Que escândalo!

Barão — O senhor é um homem vil, ordinário e infame!

Gasparino — O silêncio é a arma de que me sirvo para responder aos insultos.

Barão — Vou-me embora quanto antes. O ar que aqui se respira é venenoso e eu quero entrar na Cutia tão puro e tão limpo como de lá saí. (*Para D. Ana e Gasparino*) Vivam! (*Para Carlos e Mariquinhas*) Que sejam muito felizes, é o que desejo. Vivam! (*Sai pelo fundo sem chapéu*)

CENA XII

Gasparino, Carlos, Mariquinhas, D. Ana e depois Barão

Gasparino — O homem saiu *vraiment* furioso!

D. Ana — Agora posso respirar mais livremente.

Carlos (*Para D. Ana*) — Minha senhora, solicitando a mão de sua filha, permita-me que faça-lhe uma pequena observação. Não é o interesse, nem uma esperança de lucros que me liga a este protótipo de virtudes, mas sim um sentimento que Vossa Excelência desconhece e que na época atual desafia o epigrama. Como simples doutor em medicina sei que a mão de sua filha me seria negada: Vossa Excelência queria um título ainda mais nobre; esse título a fortuna mo deparou. Não é o Doutor Carlos de Brito que hoje vem fazer parte da sua família: é um milionário, um capitalista que vem realizar as ambições de Vossa Excelência.

D. Ana — Não faça injustiça aos meus sentimentos, doutor. Pode avaliar-se os feitos de uma paixão quando a sentimos também no peito.

Barão (*Entrando*) — O meu chapéu. (*Procurando o chapéu*)

D. Ana — E para prova disso apresento-lhe o Senhor Gasparino de Mendonça, que de hoje em diante fará parte da nossa família com o doce nome de meu esposo.

Barão — Ah! Casam-se. Que boa peça lhe cai em casa! Já estou vingado. Cá está o chapéu. (*Sai pelo fundo*)

Mariquinhas (*Para Carlos*) — Nunca consentiremos que nossa mãe case-se com semelhante homem, Carlos.

Carlos — É ainda uma ambição fatal que a cega: cumpra-se o seu castigo na terra.

(Cai o pano)

FIM